



RESENHA

SÁNCHEZ, Celso. *Ecologia do corpo*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011. 87p.

Zilda Dourado (UEG)

A ecolinguística está firmando-se como uma nova epistemologia nos estudos da linguagem, pois estuda as interações linguísticas pelo viés ecológico, analisando os fenômenos linguísticos de modo holístico. Dessa maneira, essa vertente permite o diálogo com a linguística, com outras ciências e, como não poderia deixar de ser, com outras ecologias. Dentre elas, podemos destacar a ecologia do corpo. Ela reconhece as interações linguísticas mutuamente constitutivas das interações corporais. Por esse motivo, faz-se necessário desenvolver melhor esse diálogo e, por isso, aqui se apresenta a obra *Ecologia do corpo*, do biólogo e educador ambiental Celso Sánchez.

Ecologia do corpo tem como objetivo principal defender a tese de que o corpo é o primeiro meio ambiente do ser humano. Por meio de uma linguagem simples, a obra fundamenta a sua tese nos conceitos ecológicos de ecossistema, interação e espécie, dividindo-se em sete capítulos (além de prefácio e referências), a saber: “O corpo – a morada do ser”; “A questão ambiental e o corpo”; “O conceito de Ecologia – pressupostos para uma ecologia do corpo”; “A ecologia do corpo”; “Sobre as dimensões ecológicas da corporeidade”; “Ambiente interno e Ambiente externo” e “Por valores ecológicos”.

O capítulo “O corpo – a morada do ser” defende a visão de ser humano para a ecologia. Pelo viés ecológico, o ser humano se caracteriza por suas diferentes dimensões relacionais, isto é, interações ecológicas. Isso se justifica pelo fato de a espécie *homo sapiens sapiens* ter se constituído como grupo, ou seja, socialmente, o que implica no fato de que a nossa estrutura regula, limita e possibilita diferentes interações com o meio externo.

O modo como a nossa estrutura relaciona-se com o meio externo é denominado de autopoiese (do grego, produção de si mesmo). De acordo com Sánchez, esse conceito foi

apresentado por Maturana e Varela, defensores de que os seres vivos se constituem ao interagirem com o meio ambiente e, ao mesmo tempo, adaptam-se e modificam esse meio pelo modo como se acoplam a ele. Um exemplo é o útero materno. Considerado o segundo meio ambiente do ser humano, o útero é o espaço onde o corpo está acoplado e ambos passam por transformações em sua estrutura devido à constante interação que os constitui mutuamente. Dessa maneira, a ecologia considera o ser humano pelo modo como o seu corpo interage e modifica o meio onde vive, seja ele o útero, a natureza ou a sociedade.

O capítulo “A questão ambiental e o corpo” apresenta três conceitos importantes para introduzir uma ecologia do corpo: “corpo humano”, “corporeidade” e “estilo de vida”. Para a ecologia, o corpo humano é seu primeiro meio ambiente, ele está em constante busca de acoplamento e adaptação ao meio onde vive, isto é, em constante interação. O modo dessa interação com o meio na construção de si mesmo (autopoiese) constitui a corporeidade do corpo. Desse modo, se o corpo é um ecossistema, definido em suas interações, a corporeidade é a maneira como essas interações se dão no meio ambiente. Por meio dela, o corpo pode ser estudado fisiológica, orgânica, social e simbolicamente, assim como o indivíduo pode ser estudado em seu estilo de vida, resultante de nossas escolhas diárias e sociais de como administrar e manter o tempo de vida, sendo afetado social, histórica, política, econômica e psicologicamente.

O capítulo “O conceito de ecologia – pressupostos para uma ecologia do corpo” define a ecologia e o ecossistema, a fim de relacioná-los aos conceitos de corpo e corporeidade desenvolvidos no capítulo antecedente. A ecologia é uma ciência voltada para o estudo da interação entre os seres vivos com o meio ambiente. Ela também é uma visão de mundo, pois defende o respeito a essa dinâmica interacional que sustenta toda a vida no planeta terra. A unidade ecológica básica é o ecossistema, as interações entre os seres vivos em um meio ambiente. Considerando os diferentes meios ambientes e seres vivos, existem diversas ecologias.

A ecologia humana estuda as interações dos seres humanos com o meio ambiente e é por esse vertente da ecologia que pode se descortinar outra, direcionada ao estudo do corpo. O corpo forma um ecossistema microcósmico devido às interações internas e celulares que, por meio da homeostase, mantém o ser humano vivo. Já a corporeidade forma um ecossistema macrocósmico devido às trocas simbólicas, linguísticas e materiais que os seres humanos fazem por meio da linguagem. Vale ressaltar que a corporeidade é

concebida, aqui, como estritamente social, visto que somente no grupo social existe a corporeidade do ser humano e esta se subdivide em dimensões, como demonstra o capítulo seguinte.

No capítulo “A ecologia do corpo”, o autor demonstra ecologicamente os níveis de complexidade das interações do ser humano com o seu meio, desde a interação intracelular até à formação da espécie humana. Os principais conceitos são a hipótese de Gaia e a de espécie. A hipótese de Gaia é a de que o planeta terra é um superorganismo do qual os seres humanos são um elemento integrante e, por isso, o modo como os seres humanos interferem na natureza também modifica sua corporeidade. A natureza é autônoma e se adapta às mudanças, mas os impactos destas são irreversíveis nos seres humanos, estabelecendo uma revisão do conceito de espécie. Embora os seres humanos tenham as mesmas características celulares e fisiológicas, o que os define como espécie não é a sua linha genética, mas a corporeidade e todas as interações com o meio ambiente. No capítulo “Sobre as dimensões ecológicas da corporeidade” há a defesa de que a corporeidade é concebida tanto biológica quanto socialmente em quatro dimensões: celular (microcósmica), social, cultural (macrocósmica), sócio e comunicativa (contextual). Para fundamentar a defesa, o autor cita as práticas de subjetivação e objetivação formuladas pelo filósofo francês Michel Foucault, que colocam o corpo como discurso, como produto do discurso e como produtor de discursos, se considerados os micropoderes da nossa organização social. Com base nessas práticas, Sánchez demonstra a existência de uma sociodiversidade, de diferentes grupos sociais, e a necessidade/responsabilidade de preservá-la por meio de uma educação ambiental com ética ecológica.

O penúltimo capítulo, “Ambiente interno e ambiente externo”, descreve biologicamente o modo como as alterações negativas do meio ambiente interferem no corpo. A poluição, o efeito estufa, as chuvas ácidas, as secas e o lixo mal armazenado são os fatores citados para mostrar as mazelas da saúde física e psíquica do ser humano na contemporaneidade. Nesse caso, o estudo da ecologia do corpo contribui para que haja mais conscientização, a fim de buscar intervenções imediatas para reestabelecer uma interação mais harmônica com a natureza.

O último capítulo, “Por valores ecológicos”, finaliza com a importância da preservação do meio ambiente na vida humana. Ao reforçar a hipótese da Gaia, o texto mostra a responsabilidade do ser humano com a vida de sua espécie e de seu planeta e como ele

deve aliar-se a uma ética ecológica e holística para respeitar a vida em todas as suas manifestações.

Em todo o seu conjunto, a obra *Ecologia do corpo* apresenta uma linguagem acessível para não ecólogos e bem condizente com o arcabouço teórico da ecologia. Os conceitos de corpo e corporeidade representam a parte mais substancial do texto. Contudo, há certa superficialidade nas partes dedicadas ao papel do meio social na corporeidade, sobretudo ao citar o pensamento de Michel Foucault.

É inegável a contribuição da teoria foucaultiana dos micropoderes sociais para os estudos do corpo. As práticas objetivadoras e subjetivadoras do biopoder são investidas sobre o corpo humano para manter uma dinâmica social voltada ao trabalho e ao consumo. Contudo, faz-se necessário problematizar melhor a relação entre corpo e discurso, sobretudo considerar a corporeidade na interação linguística.

A ecolinguística é considerada como uma ecologia da língua, pois toma como objeto de estudo as interações linguísticas de um povo em um território, isto é, o ecossistema linguístico. Como as interações linguísticas são realizadas entre seres humanos, os seus corpos também podem ser analisados dentro do ecossistema linguístico para, assim, promover um diálogo entre a ecologia do corpo e a ecolinguística.

A ecologia do corpo pode colaborar com a compreensão de corpo como ecossistema. Teríamos, então, o ecossistema corpo inserido em um ecossistema linguístico. Como o corpo se sustenta em sua corporeidade, poderíamos considerar a interação corporal dentro da interação linguística. Assim, ao menos teoricamente, pode-se compreender o corpo como o centralizador da linguagem humana na interação entre o ser humano e o meio ambiente.

Referências

- SÁNCHEZ, C. *Ecologia do corpo*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011
COUTO, H. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.